

## RITUAIS ESCOLARES: OS JOGOS E 'OLIMPIADAS' SOB O OLHAR DOS ALUNOS

Thaise Ramos Varnier<sup>1</sup>, Fernanda Gonçalves Rios<sup>1</sup>, Etyelle Laurindo Ribeiro<sup>1</sup>  
Ana Gabriela Alves Medeiros<sup>2</sup>, Otávio Guimarães Tavares da Silva<sup>3</sup>

### RESUMO

Os Jogos Olímpicos são considerados como um dos rituais seculares da modernidade. Como tal, influenciam as mais variadas competições esportivas, entre elas as Olimpíadas escolares. Este artigo possui como objetivo compreender os valores que orientam os Jogos escolares e a participação dos alunos envolvidos. Uma pesquisa qualitativa e quantitativa, com uso de observações, entrevistas e questionários, foi realizada em dois Jogos de escolas particulares de orientação confessional de municípios da grande Vitória. Pode ser observada a ritualização de valores 'olímpicos' e dos valores das próprias escolas. Concluímos que entre os alunos coexistem orientações em relação a valores tradicionais (respeito e paz) e hedonístico (prazer e diversão).

**Palavras-chave:** Jogos; valores; alunos.

### SCHOOL RITUALS: THE GAMES AND 'OLYMPICS' UNDER THE EYES OF THE STUDENTS

### ABSTRACT

The Olympic Games are considered like secular rituals of the modernity. As such, they influence the various sports contest including school Games. This article aimed to comprehend the values that guide school Games and the participation of students involved. A qualitative research, using observations and interviews, was conducted in two Games of confessional private schools at Vitória urban area. It can be observed the ritualization of 'Olympic' values and the values of the schools. We concluded that the students make a balance between traditional values (respect and peace) and hedonistic values (pleasure and fun).

**Keywords:** Games; values; students.

### INTRODUÇÃO

Não sendo nem verdades científicas nem questão de mero gosto individual, os valores configuram-se como “critérios que permitem julgar a realidade, em predisposições que orientam sua conduta e em normas que a pautam” (PUIG apud CAPARROZ, 2006, p.4). Sendo assim, “não pode haver sociedade que não sinta a necessidade de conservar e reafirmar, a intervalos regulares, os sentimentos coletivos e as ideias coletivas que constituem a sua unidade e a sua personalidade” (DURKHEIM, 1989, p. 505).

Como forma de celebração de sua identidade e de seus valores, as sociedades contemporâneas constroem formas suas de ritualização. Segundo autores como DaMatta (2003), os Jogos Olímpicos podem ser compreendidos como rituais seculares de celebração da modernidade que influenciam as mais variadas competições esportivas, tais como Jogos e Olimpíadas Escolares. Ao aproximarmos de uma parte da nossa realidade profissional (o âmbito escolar) observamos a elevada quantidade de “Jogos” ou “Olimpíadas” nacionais, estaduais ou municipais. Parece bastante evidente que estes são, direta ou indiretamente, baseados no modelo olímpico e seus rituais, pois nos eventos escolares há a presença de elementos, tais como bandeiras, tochas (sintomaticamente chamadas de 'fogo simbólico'), acendimento de pira, juramentos e hinos, dentre outros, que, bem ou mal, se fundamentam nas cerimônias olímpicas.

Antes de relacionarmos as cerimônias de abertura dos jogos escolares no sentido axiológico, torna-se importante compreender as dimensões que envolvem a conceituação de valores.

Os valores são adquiridos através dos diversos processos de socialização, sejam aqueles primários: as relações familiares. Sejam aqueles secundários: as relações de vizinhança, a experiência escolar, a convivência em clubes, associações e etc. Tais relações ajudam a conformar o processo de apropriação da cultura e a formação da personalidade. Segundo Sanmartín (1995), os valores supõem uma concepção do desejável, do preferível frente ao oposto, sendo eles apreendidos durante o processo de socialização. Existindo assim, podemos apostar na existência de três grandes contextos que envolvem o jovem: o sociocultural, o familiar e o escolar. Dentro deste último, é perfeitamente possível identificar um campo específico de influências advindo do esporte no âmbito das aulas de Educação Física e das competições escolares.

Sabemos que o esporte acaba por transitar por diversos valores que o pautam, o que nos leva a afirmar que as oscilações acerca dos valores que norteiam a sociedade estruturam e são estruturadas pelos chamados valores do esporte. Neste contexto, observa-se que o esporte envolve diferentes conceitos, bem como divergências entre os autores que o conceituam. Raymond Thomas (apud STIGGER, 2005) sintetiza esse debate em duas teses concorrentes: a da *continuidade* e a da *ruptura*. A tese da *continuidade* defende que aquilo que hoje denominamos de esporte tem suas origens nos tempos mais remotos da civilização, focando a ideia de que o esporte se caracteriza pela forma como era praticado, e não pelo sentido de sua prática. De maneira oposta, outros autores afirmam que o esporte moderno surgiu no século XVIII na Inglaterra, quando diversos jogos e passatempos populares sofreram profundas transformações, a ponto de se considerar uma *ruptura* com o que existia até aquele momento nas atividades físico-competitivas.

De acordo com Rubio (2003), “as condições que levaram o esporte moderno a se desenvolver foram bastante particulares e denunciadoras do lugar e momento histórico em que ocorreram”. Tendo as diversas guerras e conflitos realizados no século XIX e XX como um palco, o Movimento Olímpico procurou buscar a intencionalidade de se contrapor a esta proposta através de competições esportivas como forma de promoção de ações nacionalistas e de paz. Segundo (MARILLIER, 2000, p.59), para seu principal ideólogo, Pierre de Coubertin

(...) para além da dimensão estética que lhe agradava muito, o desporto tinha ainda um valor simultaneamente físico e moral, esculpindo o corpo e dando ao homem autoconfiança. Este viu na atividade desportiva uma espécie de “religião moderna” apta a tornar a juventude mais harmoniosa, combativa e realista, de modo a permitir-lhes enfrentar com sucesso os desafios da vida quotidiana e de defender a Pátria.

Foi através da organização dos Jogos Olímpicos (JO) da era moderna que Pierre de Coubertin almejava internacionalizar os aspectos pedagógicos do esporte para a sociedade e seus indivíduos. A sua principal preocupação, como afirma Rubio (2003), era voltada para uma competição leal e sadia, o culto ao corpo e à atividade física. Essas características poderiam ser classificadas no mundo contemporâneo bem como no esporte moderno pela expressão “fair play”. Esta expressão, criada e difundida ainda no século XIX, pode ser considerada como uma tentativa civilizadora de definir um conjunto de comportamentos adequados para a prática esportiva, criando um equilíbrio entre os impulsos potencialmente destrutivos da competição e a necessária preservação da integridade dos praticantes e mesmo do ambiente da prática. Tavares (apud DaCOSTA *et al.*, 2007, p. 14) explica que “[...] a percepção de que o fair play, enquanto conjunto de valores normativos de comportamento individual e coletivo no ambiente da competição atlética, reflete a formulação de um ambiente cultural específico”.

A partir disso, podemos entender que as diversas mudanças que ocorrem processualmente na sociedade acompanham e contribuem para as mudanças axiológicas do esporte, pois vivemos em uma sociedade na qual os valores e normas são modificados constantemente. Todavia, de acordo com Gervilla, citado por Queirós (2004), as mudanças sucedem-se com tal velocidade que podemos dizer que em cada década se inaugura um século. O pluralismo, a carência de ideologias sólidas, a debilidade das crenças, a insegurança e o relativismo axiológico, em face da rapidez das investigações científicas e tecnológicas, são algumas das razões que explicam e justificam o que alguns apelidam de crise de valores.

Hoje, o esporte é plural, relativamente aos motivos, sentidos, intenções, formas e, fundamentalmente, sujeitos, o que vai ao encontro dos valores das sociedades contemporâneas quando

acentuam e valorizam o sujeito e as suas necessidades como elementos à volta dos quais todo o resto gravita (BENTO apud QUEIRÓS, 2004).

Neste contexto, o objetivo deste estudo é compreender as razões e valores que orientam a participação dos alunos em jogos ou olimpíadas escolares. Trabalhamos com a hipótese de que em um contexto plural de valores sociais, de distinção entre os discursos e as práticas e de não-objetivação de valores educativos na prática esportiva competitiva escolar, a materialização de uma educação em valores caracteriza-se por uma dissonância entre os objetivos proclamados e os sentidos atribuídos pelos alunos.

## DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

A pesquisa de campo, de caráter qualitativo e quantitativo, foi realizada em duas escolas particulares de caráter confessional. A escolha das escolas foi de tipo intencional, tendo por critérios a permissão de acesso e a realização de cerimônias elaboradas de abertura. A escola A, localizada no bairro da Praia do Canto, em Vitória, Espírito Santo (ES), é de orientação católica. A escola B, localizada no bairro Ibes, em Vila Velha - ES, é de orientação luterana.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foram adotadas as técnicas de observação com registro em diário de campo, questionário aberto e a entrevista de tipo guiada (RICHARDSON, 1999). A observação sistemática considerou duas dimensões básicas: o contexto e suas diversas camadas narrativas (organização dos espaços, decoração, roteiro dos eventos, elementos presentes nos rituais, músicas, coreografias, falas e discursos e etc.) e os sujeitos (participação, indumentárias, ações e interações). Como parte deste estudo foram feitas observações nas cerimônias de abertura e entrevistas aos alunos que participaram destes eventos. A cerimônia de abertura dos Jogos da escola A ocorreu no ginásio de escola, às 19:00 hs, no dia 18 de agosto, no ano de 2010, na cidade de Vitória - ES. Já a cerimônia de abertura dos Jogos da escola B ocorreu na quadra de esportes do colégio, às 08:00 hs, no dia 19 de junho, na cidade de Vila Velha - ES.

## OS 'RITUAIS' ESCOLARES NA PERSPECTIVA DOS ALUNOS

Seguindo as hipóteses do estudo, 'jogos' e 'olimpíadas' escolares emulam as cerimônias olímpicas e seus valores ao mesmo tempo em que promovem sua identidade e valores específicos. Desta forma, todos os elementos observados durante os rituais das cerimônias dos jogos escolares investigados foram comparados ao Protocolo Olímpico, conforme apresentados no quadro 1 - os eventos apresentados no quadro não ocorreram necessariamente na ordem apresentada.

**Quadro 1.** Quadro comparativo dos elementos protocolares e rituais das cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos e dos Jogos da escola A e B.

<b>Protocolo Olímpico</b>	<b>Escola A</b>	<b>Escola B</b>
<b>Não há</b>	Momento de oração comandada pelo apresentador do evento.	Leitura da Bíblia e pregação pelo pastor diretor da escola.
<b>Não há</b>	Inserções com falas do apresentador do evento com exortações aos valores positivos e funções educativas do esporte.	Fala da apresentadora do evento apresentando o tema dos Jogos da escola (No Ritmo da Copa).
<b>Programação artístico-cultural de caráter local e nacional.</b>	Programação artístico-cultural apresentada pelos alunos e crianças da obra social apoiada pela escola.	Programação artístico-cultural apresentada pelos alunos participantes dos Jogos e pelos participantes das escolinhas de Ginástica e Ballet da escola.
<b>Desfile das delegações participantes.</b>	Desfile dos alunos-atletas sequenciados pelos Estados participantes.	Desfile dos alunos-atletas divididos pelas equipes (cores).

<b>Discurso do presidente do Comitê Organizador dos Jogos e o discurso do presidente do Comitê Olímpico Internacional.</b>	Discurso da diretora da escola e de uma representante da entidade mantenedora, que compunham a “mesa de autoridades”.	Discurso da coordenadora pedagógica da escola e também apresentadora do evento.
<b>Hasteamento da bandeira nacional.</b>	Hasteamento das bandeiras do país, da França, do estado do Espírito Santo, da cidade de Vitória e da escola ao som do hino nacional.	Execução do hino nacional com a presença no pódio das bandeiras do país, do estado do Espírito Santo e da Escola.
<b>Apresentação e hasteamento da bandeira olímpica com a execução do hino olímpico.</b>	Houve um momento solene para a entrada da bandeira do evento para a execução do hino nacional.	Apresentação da bandeira oficial da escola.
<b>Juramentos dos atletas e dos árbitros.</b>	Juramento dos alunos-atletas.	Juramento dos alunos-atletas.
<b>Apresentação da Tocha Olímpica.</b>	Apresentação das Tochas (8).	Apresentação da Tocha.
<b>Acendimento da Pira Olímpica.</b>	Acendimento da Pira ‘Olímpica’.	Acendimento da Pira ‘Olímpica’.
<b>Revoada simbólica dos ‘pombos da paz’.</b>	Realização de uma coreografia simbolizando os pombos da paz.	Não houve.
<b>Abertura oficial dos Jogos pelo chefe de estado do país sede.</b>	Abertura oficial pela diretora da escola.	Abertura oficial pelo Diretor da escola.
<b>O anúncio e passagem da bandeira olímpica para o prefeito da próxima cidade-sede é feita na cerimônia de encerramento dos Jogos.</b>	Anúncio e recepção da bandeira oficial dos Jogos Interestaduais das escolas da mantenedora.	Não houve.
<b>Não há.</b>	Não houve.	Desfile das bandeiras dos países disputantes da Copa do Mundo de Futebol da FIFA em 2010.

No que se refere as entrevistas realizadas com os alunos, podemos observar uma predileção pela dimensão expressiva do gosto materializada pela ideia de que a participação no evento é “interessante”. De maneira coerente a esta atitude, o que mais lhes chamou à atenção nas cerimônias são as danças e festividades. É o caráter festivo e de show o que eles declararam lhes interessar mais. *“Ah, que essa, que as olimpíadas são mais pra se divertir mesmo. Não tem que ter briga. Essas coisas que às vezes acontece”* (Aluno 2). Na análise dos questionários, as apresentações artísticas também ficaram evidentes, sendo exaltadas as apresentações de caráter circense. Fica aparente uma distinção (que é recorrente) entre discursos/desejos de divertimento e as práticas/ações de tensão do ambiente competitivo.

De qualquer forma, o caráter ritual da cerimônia é objetivamente pouco compreendido em termos de significados, mas ele parece manter sua eficácia social situada na produção das crenças (PEIRANO, 2003). *“Essa sensação de estar mesmo em uma olimpíada, pelo menos eu senti. Talvez um de nós ao sair dessa escola, uma de nós possa fazer parte de uma olimpíada de verdade. Achei bem legal*

assim...(Aluno 3).“(...) acho que significa muita coisa, tipo... na abertura das olimpíadas né...achei muito emocionante” (Aluna 2). Desta maneira a associação imediata dos rituais escolares aos rituais dos Jogos Olímpicos redundava também numa associação com os chamados valores olímpicos em sua generalidade formal (TAVARES, 1999), especialmente as noções de respeito e paz. “(...) Quando ta aqui nos jogos escolares, quatro equipes, todas misturadas. Você conversa, troca uma ideia e tal. Você vai jogar com essas pessoas. É bom ter o respeito porque esporte é educação. Sei lá, passa muitas coisas boas, a gente sente prazer em ta aqui.” (Aluna 3). Na análise dos questionários, o acendimento da tocha representou um momento marcante e emocionante da cerimônia devido a sua proximidade aos JO.

Os elementos que aparecem na cerimônia olímpica receberam uma representatividade objetiva pelos alunos da amostra dos questionários. A tocha foi representada como o início dos jogos, a pira como a duração das competições esportivas e o desfile dos atletas como a apresentação das equipes. Para os alunos o juramento representa a seriedade e o comprometimento do atleta. Por fim, as apresentações artísticas foram ligadas aos aspectos festivos de show e espetáculo.

Em ambas as escolas a importância do ato de competir se tornou construtiva para a sua própria formação. De acordo com os alunos, a competição é uma ferramenta pedagógica que transmite valores desenvolvendo o senso de união e o aprendizado mútuo, através das trocas de experiências.

Embora os alunos não tenham feito nenhuma menção específica aos elementos religiosos de identidade das escolas, em ambos os eventos a abertura se inicia com a marca específica da religião que as orienta. Isto é importante por que identifica e demarca seu contexto cultural (sua cosmologia no dizer da antropologia). Os Jogos Olímpicos tem caráter secular, mas sua emulação nestes eventos deve estar condicionada ao caráter religioso das escolas e seus valores orientadores de fundo.

Nos Jogos da escola A, o tema escolhido pela escola era: “Sagrado é...” homenageando o centenário da escola. Todo o ambiente fora ornamentado com cartazes com dizeres que promovessem a paz e com desenhos de vários esportes produzidos pelos próprios alunos. O ginásio contava também com uma boa estrutura de som e iluminação que remetia ao efeito espetacularizado visto nos JO's. Vários símbolos olímpicos ornamentavam e de alguma forma apareceram durante a cerimônia; os anéis, a tocha e o juramento. Como se sabe, os rituais se constituem por meio de diversas camadas comunicativas e não apenas de ações e / ou falas. Deste modo, uma das coreografias apresentadas durante o evento esportivo utilizou a música “We are the Champions” do conjunto inglês Queen como plano de fundo.

Já nos Jogos da escola B, o tema escolhido remetia a Copa do Mundo (No Ritmo da Copa). Os alunos e toda a equipe pedagógica desfilavam pelo evento trajados com roupas e acessórios que remetiam a Copa. Neste caso, toda a ornamentação era voltada para o tema da Copa do Mundo, e conseqüentemente, as cores verde-amarelo presentes em grandes painéis de tecido e adereços. Embora os elementos típicos de uma cerimônia ‘olímpica’ estivessem presentes (a tocha, a pira, o desfile das ‘delegações’ e o juramento), como afirma DaMatta (2003), enquanto nos JO's o nacional é englobado pelo universal (entre outras coisas pela variedade de esportes e países presentes), na Copa do Mundo de futebol é o universal que é englobado pelo singular (como diz a música, “a Copa do Mundo é nossa”), uma vez que os 32 países presentes disputam e confrontam qualidades e estilos em torno de um esporte só. Daí porque a ambientação dos Jogos que tem como tema a Copa (escola B) era verde e amarela, enquanto que na escola A, a ambientação não evidenciava com tanta ênfase este caráter nacional.

Nos jogos da escola B, o caráter singular tornou-se presente na cerimônia porém sob uma nova óptica. Por estar acolhendo as outras instituições do país, a rede de Vitória utilizou em sua cerimônia elementos que remetessem e identificassem a cultura e a identidade capixaba. No momento da entrada das delegações, cada estado optou por apresentar aos espectadores a essência da cultura de seu estado. Músicas, símbolos, adereços e caracterizações de artistas que contribuíram para a cultura de suas cidades foram evidenciados neste momento. A cidade de Vitória optou por apresentar o congo, a tartaruga e a sua culinária peculiar. A cidade de Ubá destacou a principal produção agrícola da cidade – a banana e a personalidade de Arry Barroso. Ao som de Cidade Maravilhosa, a cidade do Rio de Janeiro apresentou o Zé Carioca. Minas Gerais entrou ao som de músicas que remetessem aos estilos sertanejo universitário. A cidade de Brasília, por sua vez, apresentou o Lobo guará tendo o hino da cidade como fundo musical.

DaMatta (2003), faz uma comparação entre esses dois eventos enfatizando seus rituais e dramatizações. Na Copa do Mundo,

(...) o país anfitrião tem poucas obrigações rituais, já que a dimensão cerimonial está totalmente englobada pela competição. Aliás, neste evento, os ritos de abertura não dramatizam a universalidade humana, mas – isso sim – o cívico-nacional. O ritual de abertura se reduz, de fato, ao hasteamento de bandeiras e ao toque do hino nacional dos países disputantes. (DaMATTA, 2003, p. 194).

Na Copa do Mundo, o seu caráter de formação é conduzido ao particular, pois este é representado por um único esporte, o futebol. Não se caracteriza como uma cerimônia padronizada e ritualizada, mas como uma comparação de vários estilos de se jogar um mesmo esporte. Já nos Jogos Olímpicos, o universal se sobressai ao particular sendo representado por variados países em diversas modalidades. Ainda de acordo com DaMatta (2003), o autor representa a seguir, o seu modo de representação universalista dos Jogos Olímpicos:

(...) ao contrário e para confirmar o que venho examinando, o rito de abertura é uma parada onde os países surgem como tal, englobados pelo seu nome, suas cores e bandeiras. Já no rito de encerramento, os atletas desfilam dissociados dos seus pavilhões nacionais, formando uma multidão de individualidades, numa ênfase de representação mais do que satisfatórias (...) do universal e do igualitário. (DaMATTA, 2003, p.194)

Uma vez que as músicas compõem o conjunto de forças atuantes para a eficácia das ideias e das crenças, as músicas escolhidas como trilha sonora das festividades de abertura dos jogos da escola B refletiam o tema Copa do Mundo e sua associação com a nacionalidade brasileira. Além das quase óbvias “Wavin’ Flag” (K’naan) – tema da Copa do Mundo 2010, e “We are the Champions” do conjunto inglês Queen, a trilha sonora foi composta de músicas que, nos momentos das apresentações culturais, estão entre os ícones musicais da ideia de brasilidade: “A Taça do Mundo é Nossa” – tema da Copa do Mundo de 1958, “Aquarela do Brasil” de Ary Barroso e “Chica Chica Boom Chic” de Carmen Miranda.

Quando comparadas, as trilhas sonoras das aberturas dos jogos escolares investigados reforçam a tese ‘Damattiana’ acima mencionada e a importância das metáforas e metonímias para dramatização dos rituais.

Nos Jogos da escola A, a bandeira olímpica não surge com a mesma significação dos JO, mas aparece em diferentes momentos/espacos da cerimônia, não deixando os presentes esquecerem qual era a referência central para aquele evento. Os anéis olímpicos podem ser considerados como objetos-símbolos deste ritual (PEIRANO, 2003). Eles são retratados em uma das composições coreográficas. Nessa coreografia, os alunos constroem com grandes faixas a imagem dos anéis olímpicos, enquanto os outros alunos se dispõem em círculo ao redor dele e posteriormente se curvam, dando uma ideia de reverência/respeito. O interessante aí são as ressignificações dos valores olímpicos. Isto é, o sentido de paz/união ainda aparece como central. Porém, sob outro foco. Sob uma ideia mais geral de paz “para nós”, para aqueles que participavam do evento, e não com um sentido de relações internacionais.

Já nos Jogos da escola B, as cores dos anéis olímpicos foram representadas – e entendidas por nós – por uma forma diferente. Elas surgem no ritual através das cores das camisas dos alunos que apresentam uma coreografia ao som da música tema da Copa de 2014 (Wavin’ Flag; autor: K’ Naan) e no desfile dos alunos-atletas. De fato, como observamos acima, a Copa e a simbologia que construímos em torno dela dominam os Jogos desta escola.

Outro elemento que compõe a cerimônia de abertura é a etapa final da corrida de revezamento da tocha olímpica e o acendimento da pira. Este é o momento mais aguardado pelos expectadores, uma vez que todos anseiam por saber quem terá a honra de conduzir a tocha até a pira. Atualmente, este ato acaba por reforçar o esforço competitivo, já que tradicionalmente é escolhido o atleta com maior feito esportivo do país. Nos Jogos da escola A, este foi um momento de grande ênfase e contou com a total participação dos alunos e dos expectadores, os quais receberam uma breve explicação a cerca de sua presença. O início se dá com a entrada de 11 alunas da escola, onde representavam o acendimento do fogo olímpico pelas sacerdotisas gregas do templo de Hera - ritual teatralizado tradicional que ocorre no sítio arqueológico de Olímpia (Grécia) e que marca o início do revezamento da tocha até a cidade-sede dos Jogos. Em sua coreografia, as alunas utilizavam um figurino apropriado e seguravam tochas

(apenas uma acesa), enquanto que o público empunhava lenços brancos, distribuídos antes da cerimônia. Um artista circense surge neste ritual com uma tocha de fogo em suas mãos. Em seguida, as 11 sacerdotisas se alienam e o acendimento de todas as tochas ocorre. No próximo momento, um aluno adentra pela quadra e realiza uma corrida ao redor do palco/ quadra e posteriormente se aproxima da pira, acendendo-a. Nos Jogos da escola B, houve também a entrada da tocha, e o acendimento da pira, porém sem nenhuma menção mais explícita às suas origens olímpicas. A tocha entrou pela quadra carregada por um aluno – o mais alto da equipe de basquete da escola - que percorreu um pequeno percurso, ao redor a quadra, até a pira ao som de “Chariots of Fire” de Vangelis. Este pequeno momento é central, porém para a “transvalorização” (TAMBIAH apud PEIRANO, 2003) da cerimônia escolar para a cerimônia olímpica. É principalmente nele que os alunos sentem a sensação de estar mesmo em uma ‘olimpíada’. Neste momento, como diria Marcel Mauss (1974), atos e representações tornam-se inseparáveis.

Também vemos na cerimônia olímpica o revoar simbólico de pombos, simbolizando a “paz mundial” e a missão pacificadora dos Jogos. Na escola A, associamos este elemento ao momento do acendimento da tocha, onde a público empunhava lenços brancos, como também uma apresentação artística. O importante aí é a questão, talvez, de demonstrar esse valor pelo próprio ser humano, que se apropria de seu corpo para fazer coisas “pacíficas”. Já nos Jogos da escola B, este momento não ocorreu.

Um dos momentos mais importantes da cerimônia de abertura dos JO é o desfile das delegações participantes. Sua finalidade é, reunindo o maior número de atletas possível, reforçar universalidade dos Jogos e solenizar os valores de união e igualdade entre todos os atletas. Em escala reduzida e com características diferentes, as duas escolas fizeram seus desfiles ao estilo olímpico. Na escola A, o desfile aconteceu com os alunos-atletas sequenciados por cidades e traziam consigo adereços que identificavam a cultura local de seus Estados. A cidade anfitriã, foi a última a adentrar da quadra assim como ocorrem nos JO, o que contribui para criar uma expectativa no público presente. Já na escola B os alunos desfilaram pela quadra trajando camisas que possuíam as cinco cores dos anéis olímpicos ao som da música “We are the Champions”. Provavelmente pelo espaço mais exíguo e pelo número menor de alunos, o caráter festivo era igualmente menor.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, estes dois eventos emularam de alguma forma as cerimônias dos Jogos Olímpicos. Todavia, na cerimônia de abertura do Jogos da escola B, o tema da Copa do Mundo acabou por englobar as características olímpicas tão presentes na cerimônia de abertura do Jogos da escola A. Segundo Peirano (2003) não existem rituais errados ou falsos em um sentido causal, mas rituais impróprios ou imperfeitos. Assim, estas cerimônias de abertura de Jogos escolares podem ser vistas como celebrações mais ou menos próprias dos valores do esporte e da sociedade moderna. Esquemáticamente apresentam claramente momentos distintos entre o ritual mais geral ou amplo (o olímpico) e o mais situado ou específico; a celebração de suas identidades de escolas confessionais e o quadro de referências a partir do qual pretende que a prática esportiva atue educativamente. Neste caso, enquanto a escola A combinou seu próprio quadro de referências ao conjunto de valores proclamados dos JO's, a escola B tomou os Jogos a partir de uma referência do nacional e da brasilidade.

A partir destes dados, parece que já temos indicadores para pensar na refutação da hipótese que guia o projeto. O grau de adesão, os sentimento e valores de identificação declarados parecem ser importantes, ainda que possivelmente combinados ao valor do prazer e do interesse.

## REFERÊNCIAS

CAPARROZ, D. A. de S. Educação Física Escolar: Educar em Valores. In: Congresso Estadual De Educação Física De Ciências Do Esporte Do Espírito Santo, 3., 2006, Linhares, ES. **Anais...** Linhares: Unilinhaires, 2006. 1 CD-ROM.

DaCOSTA, L.; MIRAGAYA, A.; TURINI, M.; GOMES, M.; RODRIGUES, F. S. F. **Manual Valores do Esporte SESI: Fundamentos.** Brasília: SESI/DN, 2007.

DaMATTA, R. Em torno da dialética entre igualdade e hierarquia: notas sobre as imagens e representações dos Jogos Olímpicos e do futebol no Brasil. **Antropolítica**. n. 14, pp. 17-40, 2003.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, 1974.

MARILLIER, B. **Jogos Olímpicos**. Lisboa: Hugin, 2000.

QUEIRÓS, P. Para um Novo Enquadramento Axiológico na Participação de Crianças e Jovens no Desporto. In: GAYA, A .; MARQUES, A .; TANI, G. (Orgs.) **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004. p. 187-198.

PEIRANO, M. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003. 57 p.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social**. Métodos e Técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

RUBIO, K. **Medalhistas Olímpicos Brasileiros**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

SANMARTÍN, M.G. **Valores sociales y deporte**: la actividad física y el deporte como transmisores de valores sociales y personales. Madrid: Gymnos, 1995.

STIGGER, M. P. **Educação Física, Esporte e Diversidade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

TAVARES, O. Fundamentos Teóricos para o Conceito de Olimpismo. In: TAVARES, O; DaCOSTA, L. P. **Estudos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Ed. Gama Filho, 1999, p. 33-51.

---

<sup>1</sup> Centro de Estudos em Sociologia das Práticas Corporais e Estudos Olímpicos (CESPCEO) – UFES.

<sup>2</sup> Centro de Estudos em Sociologia das Práticas Corporais e Estudos Olímpicos (CESPCEO) – UFES.  
Grupo de Pesquisa de Práticas Pedagógicas em Educação Física Escolar e Esporte (GEPPEFE) da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

<sup>3</sup> Centro de Educação Física e Desportos - CEFD/UFES.  
Centro de Estudos em Sociologia das Práticas Corporais e Estudos Olímpicos (CESPCEO) – UFES

Rua Vinte e seis, 31 - Vila Nova - Vila Velha/ES  
29105-164